

## A IDEOLOGIA COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DA PESQUISA SOCIAL

Márcia Teresa da Rocha Pimenta<sup>1</sup>

### RESUMO

Abordagem sobre a categoria de análise ideologia, no contexto da pesquisa social. Abordam-se os conceitos adotados por alguns autores dedicados ao estudo da ideologia, apresentando a compreensão que os mesmos têm sobre essa temática. No decorrer do texto, com base nas diversas visões dos autores envolvidos, realça-se a importância dessa categoria de análise para o conhecimento científico e, mais especificamente, para a pesquisa social.

**Palavras-chave:** Ideologia. Categoria de análise. Conhecimento científico. Pesquisa social.

### ABSTRACT

Approach of the ideology as a category of analysis, in the context of the social research. The concepts adopted by some authors dedicated to the study of the ideology, presenting their understanding on such theme, are focused. Throughout the text, based on various views of the authors involved, the importance of that category of analysis to the scientific knowledge and, more specifically, to the social research, is pointed out.

**Keywords:** Ideology. Category of analysis. Scientific knowledge. Social research.

## 1 INTRODUÇÃO

Podendo estar ligada a questões políticas, econômicas e sociais, no senso comum, ideologia se refere a um conjunto de ideias ou pensamentos de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos.

---

<sup>1</sup> Estudante de pós Graduação. Universidade Federal do Maranhão – UFMA. [mtrp@terra.com.br](mailto:mtrp@terra.com.br)

O termo ideologia, contemporâneo da Revolução Francesa, foi criado, em 1796, pelo filósofo francês Antoine Destutt de Tracy (1754-1836), com o intuito de designar uma disciplina filosófica que seria a base de todas as demais ciências. Tipicamente iluminista e positivista, de Tracy pretendia criar uma nova ciência, neutra e universal, que desse conta das ideias e das sensações humanas. A essa ciência chamou de ideologia. Seria a mãe de todas as ciências e todos os outros estudos humanos seriam ramificações dela.

No decorrer do tempo, no entanto, o vocábulo ideologia foi adquirindo outras acepções, mas jamais se afastando do plano das ideias e do conhecimento. Como o conhecimento se realiza por meio de ideias, a ciência fundamental deverá ser a ciência das ideias.

Não existe talvez nenhuma outra palavra que possa ser comparada à ideologia, quer na linguagem política prática, quer nas linguagens filosófica, sociológica e político-científica, no que diz respeito à frequência com que é empregada e, sobremaneira, pelo vasto número de diferentes significados que lhe são atribuídos. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2007).

Desse modo, justamente em função da sua importância, é que a ideologia é amplamente utilizada como categoria de análise na pesquisa social, estando, portanto, a serviço dos rigores do método científico para a construção do conhecimento nas Ciências Sociais. É o que o presente trabalho se propõe a abordar e discutir.

Pedro Demo afirma que, independentemente do seu tipo, “pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento.” (DEMO, 2009, p.20).

Por isso, o trabalho científico, tendo como principal marca o rigor, em todas as suas fases, é metódico e sistemático.

Na concepção de Gil (1994, p.43), define-se pesquisa social como

[...] o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social. Realidade social é entendida aqui em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais.

Assim é que, a partir dessa conceituação, pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.

A escolha e posterior uso de uma categoria de análise na pesquisa social contribui em muito para que o pesquisador, na abordagem do tema selecionado, avance teoricamente na compreensão de diversos processos ligados ao seu problema de pesquisa.

Dessa forma, no tocante à ideologia, em face da ligação dos seus diversos conceitos com a noção de poder, tal termo está autorizado a ser reconhecido como uma das categorias de análise mais expressivas no contexto da pesquisa social.

## **2 A IDEOLOGIA NA ÓTICA DE ALGUNS DOS SEUS PRINCIPAIS TEÓRICOS**

A temática ligada à definição de ideologia e ao uso ou não dessa categoria, por promover debates e embates, é tema de largas polêmicas, tanto nos círculos acadêmicos como em organizações e partidos políticos.

Pela ideologia, a explicação sobre a origem dos homens, da sociedade e da política se pauta nas ações humanas, decorrentes que são da manifestação da consciência ou das ideias. Neste aspecto, substitui o papel que, antes dela, tinham os mitos e as teologias, sendo concebida como a lógica da dominação social e política.

Norberto Bobbio (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2007, p.585), considera dois tipos de significado para o termo “ideologia”: um, fraco, e outro, forte. O fraco diz respeito “[...] a um conjunto de valores respeitantes à ordem pública, tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos”. O forte diz respeito ao conceito de ideologia de Marx, termo este “[...] entendido como falsa consciência das relações de domínio entre as classes [...]”, o que denota o caráter mistificante de falsa consciência de uma crença política.

Em Marx, como apontam Bobbio, Matteucci e Pasquino (2007, p.585), “[...] Ideologia denotava idéias e teorias que são socialmente determinadas pelas relações de dominação entre as classes e que determinam tais relações, dando-lhes uma falsa consciência.” Ao afirmar que a consciência humana é sempre social e histórica, isto é, determinada pelas condições concretas da nossa existência (MARX, 2003), o

representante maior do materialismo histórico entende que a ideologia é um fenômeno histórico-social decorrente do modo de produção econômico. Marx e Engels (2007) afirmam que vivemos sob a pressão da ideologia dominante, que é sempre a ideologia das classes dominantes.

Foi na obra intitulada “A ideologia alemã” que Marx, ao lado de Engels, apresenta a caracterização da ideologia, ao mesmo tempo que dirige críticas aos ideólogos alemães Feuerbach, F. Strauss, Max Stirner e Bruno Bauer, entre os principais, acusando-os de terem se afastado da filosofia de Hegel, mesmo considerando que os ideólogos alemães são, antes de tudo, filósofos. Na verdade, “Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é *transformá-lo*.” (MARX; ENGELS, 2007, p.539). De fato, Marx e Engels afirmaram que as noções predominantes em determinada sociedade e determinada época são aquelas produzidas pelas classes dominantes, que racionalizam as que interessam à preservação do seu domínio. De outro modo, dir-se-ia que a ideologia dominante, numa determinada sociabilidade, como querem Marx e Engels (2007), é a ideologia da classe dominante

Assim, o conceito de ideologia, tal como é desenvolvido a partir de Marx, refere-se a um sistema de pensamento, isto é, a toda uma forma de conceber o mundo, inclusive em seus aspectos naturais, mas sobretudo o mundo social, as relações entre os homens e suas atividades.

Em Marx, é necessário considerar o conceito de ideologia dentro do contexto das várias fases de seu desenvolvimento intelectual. A primeira fase compreende os seus primeiros escritos e vai até 1844. Aqui, apenas os elementos materiais do futuro conceito de ideologia já estão presentes em sua crítica da religião e da concepção hegeliana do Estado, mas a expressão “ideologia” ainda não figura em seus textos. É na segunda fase, de 1845 a 1857, período dominado pela construção, por Marx e Engels, do materialismo histórico, que o conceito de ideologia é introduzido pela primeira vez. Aqui, para Marx, os verdadeiros problemas da humanidade não são as ideias errôneas, mas as contradições sociais reais e que aquelas são consequência destas. A terceira fase, que se inicia em 1858, com a redação dos Grundrisse, apesar do vocábulo ideologia quase não aparecer nesses textos, Marx afirma que se algumas ideias deformavam a realidade, era porque a própria realidade estava invertida.

No entendimento de Gramsci, a ideologia designa um conjunto de ideias, crenças e valores que constituem a visão de mundo de um determinado grupo social ou povo. Para este autor, a ideologia tem elementos unilaterais e fanáticos, e tem, igualmente, elementos de conhecimento rigoroso e até mesmo de ciência. Nesse sentido, a ideologia está ligada a uma certa unificação das supra-estruturas em torno dos valores históricos do conhecimento e da cultura. (GRAMSCI, 1999).

Assim é que, sob o prisma gramsciano, ao relacionar a ideologia com a ciência, nosso autor afirma que “[...], na realidade, também a ciência é uma superestrutura, uma ideologia.” (GRAMSCI, 1999, p.175).

De outro modo, dir-se-ia que, segundo Gramsci, a ideologia é o “cimento” da estrutura social, o conjunto de ideias e valores que, ao tornar possíveis e regulares as relações sociais tal como elas se estruturam em determinada sociedade e determinada época, ao mesmo tempo tende a cristalizá-las nessa mesma forma, particularmente pela legitimação do poder político e da organização econômica existentes.

Zizek (1996, p.15), por sua vez, refere-se à ideologia, primeiramente, como “doutrina, conjunto de ideias, crenças, conceitos e assim por diante, destinada a nos convencer de sua ‘veracidade’, mas, na verdade, servindo a algum inconfesso interesse particular de poder.” Num segundo conceito, considera a existência dos AIE – Aparelhos Ideológicos de Estado -, que são instrumentos institucionais de disseminação ideológica. Por último, o entendimento zizekiano focaliza ideologia como “autodispersão”, que consiste em um modo analítico, que tende a relativizar o alcance de uma ideologia; assim, ou um processo ideológico é determinante, mas atinge um pequeno contingente, ou atinge um grande contingente, mas é pouco determinante. Com uma visão aguçada da realidade atual, o filósofo esloveno Slavoj Zizek afirma que as ideologias que marcam o capitalismo contemporâneo, não apenas fornecem respostas falsas para problemas reais. Mais grave: falsificam os problemas. Prova disto é a ideia de equilíbrio, por exemplo, na economia, na religião, na ciência e na natureza.

Eagleton (ZIZEK, 1996, p.191), sobre o conceito de ideologia, escreve que ela “[...] surgiu no momento histórico em que os sistemas de ideias conscientizaram-se

pela primeira vez de sua própria parcialidade; e isso se deu quando essas ideias foram forçadas a deparar com formas estranhas ou alternativas de discurso”.

Terry Eagleton afirma que

O termo ideologia tem um amplo espectro de significados históricos, do sentido intratavelmente amplo de determinação social do pensamento até a idéia suspeitosamente limitada de disposição de falsas idéias no interesse direto de uma classe dominante. (EAGLETON, 1997, p.193).

Onde reside, então, a força da palavra ideologia? Para Eagleton, tal força está em “sua capacidade de distinguir entre as lutas de poder que são até certo ponto centrais a toda uma forma de vida social e aquelas que não são.” (EAGLETON, 1997, p.21). De fato, em diferentes disputas, o termo ideologia só tem significado quando é associado a disputas amplas que se referem a concepções sobre as formas de organização social e suas justificações.

Para o filósofo francês Louis Althusser, os aparelhos repressivos do Estado (ARE) e os aparelhos ideológicos do Estado (AIE) não se confundem. O repressivo funciona pelo emprego da força moral, psicológica ou física, enquanto a ideologia é utilizada para os demais, como, por exemplo: a família, a escola, a igreja, o judiciário, os partidos políticos, os sindicatos, a literatura, as artes, os esportes, a mídia etc. Neste aspecto, o autor em questão esclarece que “num primeiro momento podemos observar que se existe um Aparelho (repressivo) do Estado, existe uma pluralidade de Aparelhos Ideológicos do Estado.” (ALTHUSSER, 2010, p.69). Para Althusser, a ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. Portanto, só há prática através de e sob uma ideologia, e só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito. Assim, Althusser aponta uma relação estreita entre Estado e aparelhos ideológicos. A teoria althusseriana insiste em que a ciência é o oposto absoluto da ideologia, mas, ao mesmo tempo, define a ideologia como um nível objetivo da sociedade, que é relativamente autônomo, elemento essencial na formação social. Além disso, apresentou o sujeito como efeito das ideologias sobre os indivíduos biológicos humanos criados nas sociedades.

Na visão de Chauí (2009, p.389),

[...] a função primordial da ideologia é ocultar a origem da sociedade [...], dissimular a presença da luta de classes [...], negar as desigualdades sociais [...] e oferecer a imagem ilusória da comunidade (o Estado) originada do contrato social entre homens livres e iguais.



Ainda para Chauí (2008, p.7), “a ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade e que esse ocultamento é uma forma de manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política”. Os produtores de ideias – os ideólogos -, que, por meio da religião, das artes, da ciência, da escola, da filosofia, dos costumes, das leis e do direito, têm o poder de transmitir ideias dominantes para toda a sociedade, dominam a consciência social por meio da representação da aparência social do ponto de vista dos dominantes. Assim, as imagens e ideias postas como coletivas, gerais e universais, de fato, são ideias abstratas, que não correspondem à realidade social, dividida que é em classes sociais antagônicas.

De inclinação lukacsiana, István Mészáros, por sua vez, declara que

[...] em nossas sociedades tudo está “impregnado de ideologia”, quer a percebamos, quer não. Além disso, em nossa cultura liberal-conservadora o sistema ideológico socialmente estabelecido e dominante funciona de modo a apresentar – ou desvirtuar – suas próprias regras de seletividade, preconceito, discriminação e até distorção sistemática como “normalidade”, “objetividade” e “imparcialidade científica”. (MÉSZÁROS, 2004, p.57).

Já de início, este filósofo húngaro ressalta que “a ideologia não é ilusão nem superstição religiosa de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada” (MÉSZÁROS, 2004, p.65), que afeta tanto os que desejam negar sua existência quanto aqueles que reconhecem abertamente os interesses e os valores intrínsecos das várias ideologias. Mais adiante, sentencia Mészáros (2004, p.459): “a ideologia é, em geral, considerada o principal obstáculo da consciência para a autonomia e a emancipação.” Em seus estudos sobre o assunto em tela, Mészáros se preocupa em chamar a atenção sobre todo o poder de que se reveste a ideologia e do seu papel no processo dos ajustes estruturais, ressaltando que as condições de dominação estão estreitamente ligadas à intervenção de poderosos fatores de ordem ideológica.

### 3 CONCLUSÃO

Pelo entendimento dos autores examinados, percebe-se que o ser humano é ideológico por natureza, capaz de criar e dar sentido às coisas à sua volta, inclusive de sua realidade social e histórica, através de representações ideológicas. Somente

quando estas representações ideológicas tendem a beneficiar um grupo, em detrimento do todo da humanidade, é que mais costumeiramente fala-se em ideologia.

Certo é que poucas categorias têm trajetórias tão conturbadas quanto a ideologia, permanecendo, até hoje, a dificuldade em se clarificar esse tema notoriamente complexo. Eagleton (1997, p.15), declara que “ninguém propôs ainda uma definição única e adequada de ideologia [...] porque o termo “ideologia’ tem toda uma série de significados convenientes, nem todos eles compatíveis entre si.”

Ideologia e poder, no contexto da filosofia política, apresentam-se como termos indissociáveis. Ainda que sejam visualizados no âmbito da vida privada, é no cenário da vida pública que ideologia e poder se manifestam, de modo mais intenso, e transbordam. Na verdade, o fenômeno do poder e das relações de comando e obediência não se exaure no fato político. Ao contrário, o poder político se enquadra no campo mais amplo do poder social, ou seja, as probabilidades de se impor a outrem a própria vontade alcançam todos os setores da vida coletiva.

Através de toda a história, a ideologia tem desempenhado papel importante no processo de readaptações estruturais. A reprodução bem sucedida das condições de domínio não poderia ocorrer sem a intervenção ativa de poderosos fatores ideológicos em prol da manutenção da ordem ou do estabelecimento de uma nova ordem. (CASTELLS, 2006).

Uma ideologia, qualquer que seja ela, apresenta-se como o real; uma ideologia, quando ganha corpo, se impõe à grande maioria das pessoas como uma evidência, às vezes, como uma camisa de força. Vivemos sob a égide da ideologia. Linha ideológica, cerco ideológico, patrulhamento ideológico, dentre tantas, são expressões comuns no nosso cotidiano.

A sociedade do capital se caracteriza pela contradição entre vida privada e vida pública; contradição esta que vem se acirrando no mundo contemporâneo, o que tem levado indivíduos a escolhas ideológicas que fortalecem a sociedade baseada no mercado e na democracia liberal, pois a sociedade do interesse particular impera. Sob os auspícios da ideologia, no corrosivo mundo do capitalismo, ainda que não acreditemos em igualdade, pelo menos devemos crer em dignidade para todos.

Seja qual for o ângulo através do qual se olhe, porém, a ideologia, ainda que, às vezes, seja vista como a sombra da realidade efetiva, necessariamente tem um



lado real. No mínimo, é necessário dizer que a ideologia codifica desejos e necessidades reais. Se não tivesse nenhuma ligação com o mundo real, não serviria para codificar o dia a dia das pessoas. Daí o grande interesse dessa categoria de análise para a pesquisa científica, notadamente no contexto da pesquisa social.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota.sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 13.ed. Brasília: UnB, 2007. 2v.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13.ed. São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: UNESP: Boitempo, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. V.1.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo; Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B.Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.